

## **IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE MÃES E FILHOS**

*Bruna Sauaia Dal Piccolo  
Beatriz Vasconcelos Junqueira Machado  
Fernanda Kimie Tavares Mishima*  
Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, Brasil

### **RESUMO**

A qualidade da relação mãe-filho influencia o desenvolvimento emocional de ambos, considerando o contexto familiar e social. Na pandemia da COVID-19 aumentaram os níveis de ansiedade, medo e instabilidade emocional. Investigou-se o impacto do isolamento social da pandemia no desenvolvimento emocional mãe-filho, na perspectiva materna. Foram entrevistadas quatro mães, que também responderam a uma pergunta sobre uma obra de arte. As narrativas dos encontros foram analisadas segundo a psicanálise winnicottiana. Observou-se sobrecarga física e emocional intensa das mães, maior envolvimento na rotina dos filhos e nas atribuições domésticas, com dificuldade em conciliar o trabalho e as tarefas diárias. Apareceram novas demandas na pandemia e as mães buscaram suprir as necessidades infantis, sentindo-se pouco acolhidas nas próprias demandas e prejudicando o desenvolvimento afetivo da dupla.

**Palavras-chave:** Mãe; Desenvolvimento emocional; Pandemia; Psicanálise.

### **IMPACT OF THE PANDEMIC ON THE EMOTIONAL DEVELOPMENT OF MOTHERS AND CHILDREN**

#### **ABSTRACT**

The quality of the mother-child relationship influences the emotional development of both, considering the family and social context. During the pandemic, levels of anxiety, fear, and emotional instability increased. The impact of social isolation from the COVID-19 pandemic on the mother-child emotional development was investigated from the maternal perspective. Four mothers were interviewed and responded to a question about a work of art; the narratives from the encounters were analyzed according to Winnicottian psychoanalysis. Intense physical and emotional overload of the mothers was observed, greater involvement in their children's routines and domestic tasks, difficulty in balancing work and daily chores. New demands emerged during the pandemic, as mothers seek to meet their children's needs but feel inadequately supported in their own demands, compromising the affective development of the pair.

**Keywords:** Mother; Emotional Development; Pandemic; Psychoanalysis.

## IMPACTO DE LA PANDEMIA EN EL DESARROLLO EMOCIONAL DE MADRES E HIJOS

### RESUMEN

La calidad de la relación madre-hijo influye en el desarrollo emocional de los dos, teniendo en cuenta el contexto familiar y social. En la pandemia, los niveles de ansiedad, miedo e inestabilidad emocional aumentaron. Se investigó el impacto del aislamiento social causado por la pandemia de COVID-19 en el desarrollo emocional madre-hijo desde la perspectiva materna. Se entrevistaron a cuatro madres y respondieron a una pregunta sobre una obra de arte; las narrativas de los encuentros fueron analizadas según el psicoanálisis winnicottiano. Se observó sobrecarga física y emocional intensa en las madres, mayor involucramiento en la rutina de sus hijos y en las tareas domésticas; dificultades para equilibrar el trabajo y las tareas diarias. Surgieron nuevas demandas durante la pandemia, ya que las madres buscan satisfacer las necesidades de sus hijos, pero se sienten insuficientemente respaldadas en sus propias demandas, lo que compromete el desarrollo afectivo de la dupla.

**Palabras clave:** Madre; Desarrollo Emocional; Pandemia; Psicoanálisis.

O desenvolvimento emocional do indivíduo é influenciado pela provisão do ambiente em que ele se insere, sendo fundamental o ambiente maternante ofertado pelo cuidador do bebê. Tal ambiente engloba aspectos físicos e emocionais necessários ao desenvolvimento do infante: uma mãe atenta e capaz de criar um ambiente “suficientemente bom” possibilitaria ao seu bebê alcançar satisfações apropriadas e vivenciar angústias, ansiedades e conflitos sem o medo de desintegrar-se, rumo ao crescimento (Winnicott, 1945/2000).

A figura materna possui a capacidade de contribuir satisfatoriamente com as necessidades da criança. Para isso, ela necessita sentir-se segura e amada, particularmente na relação com a própria família. Esse ambiente acolhedor, que apoia a figura materna, permite que ela tenha a possibilidade de, uma vez identificada com seu bebê, adaptar-se ativamente às suas necessidades (Winnicott, 1945/2000). A presença ou a ausência da figura paterna que ofereça suporte à díade mãe-bebê, o meio ambiente familiar e social são aspectos que influenciam nessa relação.

É na presença de uma mãe suficientemente boa que o bebê é capaz de iniciar um processo de desenvolvimento (vir a ser), de amadurecimento de seu *self* potencial. Falhas graves no ambiente provedor podem provocar distúrbios psíquicos no indivíduo em desenvolvimento, a depender de como as experiências são vividas e sentidas (Winnicott, 1965/1997). Winnicott (1970/2006) assinala que o potencial hereditário só se concretiza se a provisão ambiental for adequada (“maternagem suficientemente boa”).

Mishima (2007) destaca que a preservação da atmosfera familiar depende do relacionamento entre os pais e do contexto social em que vivem. O desejo e amor da família pelo bebê fornecem o *setting* no qual cada criança pode se tornar um indivíduo, podendo se identificar com outras pessoas e com a sociedade

Em um relacionamento conjugal, cada membro do casal tem um repertório individual que se revelará no encontro amoroso. Essa relação gera impactos no ambiente familiar e, conseqüentemente, no desenvolvimento emocional dos filhos desse casal. A presença de um ambiente doméstico sadio é de suma importância para o desenvolvimento da habilidade de relacionar-se interpessoalmente (Palermo et al., 2016).

Segundo Lins e Luz (1998), além do ambiente sociocultural das famílias, Winnicott destaca o contexto mundial, que influencia diretamente em seu funcionamento. Desde o início a criança deve contar com um meio que lhe ofereça a possibilidade de se tornar ela própria.

A preocupação em relação ao impacto do ambiente no desenvolvimento emocional se intensifica com o novo cenário, marcado por uma grave crise social causada pela pandemia da Covid-19, um dos maiores problemas de saúde pública internacional das últimas décadas (Faro et al., 2020). O primeiro caso confirmado no Brasil foi no final de fevereiro de 2020. Até agosto de 2023 foram declaradas 705.313 mil mortes no Brasil em decorrência da COVID-19 e mais de 21.710.817 milhões de infectados. No estado de São Paulo foram declaradas mais de 181 mil mortes e 6,66 milhões de infectados pelo vírus (Brasil, 2023).

No contexto da pandemia, o isolamento social foi uma das medidas adotadas para contenção e prevenção do contágio. Diversos setores da sociedade foram afetados: saúde, educação, turismo etc., o que provocou um impacto significativo na economia mundial. Para permitir a continuidade das atividades escolares e laborais nesse cenário, elas foram transferidas, na medida do possível, para o ambiente doméstico. Foram estabelecidas atividades remotas e à distância realizadas por meio de tecnologias digitais de comunicação e informação.

O distanciamento social, juntamente com sentimentos de medo, insegurança, abandono, mudanças na rotina afetaram diretamente a saúde mental da população. Ornell, Schuch, Sordi e Kessler (2020) destacaram que durante uma epidemia o número de pessoas cuja saúde mental é afetada tende a ser maior do que o número de pessoas propriamente infectadas.

Segundo Liu e Doan (2020), com a paralisação das escolas, há uma grande dificuldade dos pais em manter seus filhos ocupados, principalmente as famílias grandes e de baixa renda. O impacto econômico gera um aumento do medo, do estresse e do abuso e violência infantis. Peterman et al. (2020) apontam para estudos feitos em outras situações de crise, confirmando que, quando membros de famílias sofrem uma aproximação forçada, precisando passar muito mais tempo juntos, as taxas de violência contra mulheres e crianças aumentam.

As consequências provocadas pela pandemia de COVID-19 vão muito além do medo de contrair a doença. Segundo Ozili e Arun (2020), a pandemia acarreta sentimento de insegurança em todos os aspectos da vida, que vão desde a perspectiva individual até a coletiva. No que diz respeito à saúde mental, as repercussões de uma pandemia ultrapassam o número de mortes: o sistema de saúde dos países entra em colapso, há uma exaustão dos profissionais da saúde e o principal modo de contenção do contágio da doença, o isolamento social, afeta consideravelmente a saúde mental da população (Brooks et al., 2020; Lobo & Rieth, 2021).

Dorna (2020) afirma que a pandemia afeta as pessoas de formas diferentes, os impactos são marcados por desigualdades sociais e de gênero. Um desses impactos é o econômico: as quarentenas afetam setores que geram muitos empregos para a população feminina (comércio e turismo). As mulheres são predominantes em trabalhos informais e correspondem a 70% dos trabalhadores da área da saúde e social, sendo, portanto, a maioria das pessoas que permaneceu na linha de frente e, por conseguinte, que mais se expôs ao risco de infecção. Além disso, predominou a ideia de que o trabalho doméstico deve ser desempenhado pelas mulheres, um trabalho que é muito invisibilizado e desvalorizado.

De acordo com Reis e Mourão (2022), as mulheres assumem uma dupla ou tripla jornada de trabalho e a sobrecarga da sobreposição do trabalho remunerado e não-remunerado dificulta a conciliação entre trabalho e família, sobretudo no período de quarentena, no qual os âmbitos doméstico e laboral coexistem no mesmo espaço físico.

Diante desta exposição, é possível trazer reflexões sobre a disposição psíquica e o cuidado emocional que as mães podem ofertar a seus filhos, considerando as particularidades do contexto pandêmico. Mais ainda, torna-se imprescindível compreender o ambiente em que

estas mães estão inseridas, bem como a possibilidade de se identificarem com seus filhos, atenderem suas necessidades e, ainda, lembrarem que têm uma vida própria.

Tendo em vista o contexto da pandemia e o isolamento social como medida protetiva para as famílias, este trabalho investigou como mães e filhos estão se desenvolvendo emocionalmente, como está a saúde mental da díade, segundo perspectiva materna. Além do mais, com possibilidades de trazer aspectos para reflexão sobre como as mulheres exercem sua função materna e os impactos para a expressão do seu verdadeiro *self*.

## MÉTODOS

Este estudo usou uma perspectiva epistemológica qualitativa, considerando que a experiência subjetiva é de extrema importância para o conhecimento do fenômeno a ser investigado, além do participante ter uma atuação ativa no encontro realizado com o pesquisador (Gelo, Braakmann, & Benetka, 2008).

A dinamicidade esteve presente, ou seja, concomitante aos encontros com as mães, têm-se as interpretações e análises. A análise dos dados é realizada junto à coleta, sendo este um processo de interação contínua, dando destaque à maneira como as pessoas representam e compreendem suas vidas (Mishima, 2021). É importante destacar que o pesquisador clínico-qualitativo busca conhecer em profundidade o participante do estudo, suas vivências pessoais e representações das experiências de vida, sem pretender explicar os acontecimentos, mensurar comportamentos ou correlacionar quantitativamente os dados (Turato, 2005).

As Narrativas Transferenciais (NTs) foram usadas como estratégia metodológica, para pensar o ser humano junto às suas experiências afetivas, considerando o contexto do homem inserido em seu drama (Aiello-Vaisberg & Granato, 2011). As NTs investigam a experiência humana de determinado fenômeno e possibilitam uma reflexão sobre os conceitos e ideias que se apresentam nos conflitos vivenciados (Granato, Russo, & Aiello-Vaisberg, 2009). Para o desenvolvimento das NTs é realizado o encontro com o participante, de uma maneira que possibilite o “acontecer clínico”. Após o encontro, o psicólogo/pesquisador elabora uma narrativa, descrevendo o que se passou, incluindo seus sentimentos e reflexões, fazendo uso da associação livre (Tachibana, 2011). Por meio da escrita do encontro, o psicólogo/pesquisador retoma o que aconteceu a partir de suas memórias e sentimentos contratransferenciais, contribuindo para as reflexões a serem realizadas sobre o “acontecer clínico” e o fenômeno estudado.

Para enriquecer o “acontecer clínico”, com uso e construção das NTs, podem-se usar mediadores dialógicos (testes projetivos, figuras, obras de arte), que facilitam a comunicação. O pesquisador/psicólogo propõe o instrumento mediador, colocando-se de forma ativa na investigação e o paciente/participante o utiliza para expressar-se. Esta pesquisa utilizou, como instrumento mediador das NTs, a obra de arte “Mãe com Crianças e Laranjas” de Picasso (1951). O intuito foi estimular a comunicação e facilitar a interação entre participante e pesquisador durante o “acontecer clínico”.

Participaram deste estudo quatro mães: Olívia (37 anos), Laura (34), Amanda (41) e Flávia (39), todas com ensino superior completo. Olívia e Laura tinham um filho de 7 anos, Flávia tinha 2 filhos (7 e 12 anos) e Amanda com 3 filhos (8, 12 e 19 anos). Três participantes eram casadas com os pais de seus filhos e uma delas (Laura) estava em processo de separação, já morando sozinha com o filho. As participantes estavam em empregos formais no momento da realização da pesquisa, trabalhando de forma remota em suas residências (Olívia, Laura e Flávia) ou com cargas horárias presenciais reduzidas (Amanda).

Todos os encontros foram feitos de forma remota (on-line). Foi usado um questionário (com dados de identificação, saúde mental materna e filial, rotina etc.), com investigação mais específica da relação com seus filhos que estavam com 7 e 8 anos, no intuito de compreender a experiência da maternidade com essas crianças. Depois foi apresentada a obra de arte “Mãe com crianças e laranjas” (Picasso, 1951), seguida da pergunta: “olhando para esta imagem como você descreveria a sua experiência como mãe do (a) seu (sua) filho (a) durante este período de distanciamento social?”.

Após os encontros foram feitas transcrições, que foram analisadas por meio da livre inspeção do material (Trinca, 1984). As NTs eram construídas e interpretadas pela psicanálise na abordagem de Winnicott. Essas narrativas vão de encontro com o conceito winnicottiano por valorizarem a experiência vivida apresentada pelo narrador, o que facilita a criação de novos sentidos pelo leitor (Medeiros, 2009).

## RESULTADOS

OLÍVIA (37 ANOS), MÃE DE ISABELA (7 ANOS)

Olívia é casada com o pai de sua filha, trabalha como pesquisadora; os três moram juntos. A gravidez de Isabela foi planejada e desejada, após três anos de casamento. A amamentação foi difícil no começo, pois ela sentia bastante dor; procurou ajuda e conseguiu “fazer funcionar”. Depois disso, este momento passou a ser muito especial, impossível descrever em palavras: “as prioridades mudam, há um alerta de cuidado com a criança, porque é um ser totalmente dependente de você”.

Olívia falou que a filha estava sentindo falta do contato com outras crianças. Na pandemia, percebeu que a menina estava com maior dificuldade de contar coisas em sequência temporal, como quando ficava ansiosa ou tentava chamar atenção dos pais. Olívia mostrou-se preocupada em como falar sobre sexualidade com a filha, dizendo que estava procurando ajuda de uma psicóloga que pudesse orientá-la sobre como agir nessas situações.

Quanto à rotina da criança, falou que a filha sempre brincava bastante, gostava de brincadeiras ao ar livre e era bastante ativa, o que não havia mudado durante a pandemia. A mudança foi quanto ao tempo de brincadeira, que era maior, assim como o tempo que passava assistindo televisão e brincando de jogos no celular.

A mãe comentou que a menina era bastante sensível, acrescentando que a achava muito sentimental, contando que a menina chorava bastante em filmes e que não podia ver animais morrerem. Já Olívia se descreveu como bastante ansiosa, aspecto que piorou durante o isolamento social, além de se achar controladora, impedindo que a filha resolvesse seus próprios problemas em algumas ocasiões; tentava evitar isso e dar espaço para a menina.

Ao ver a imagem, Olívia respondeu que era um momento de maior laço afetivo com a filha, pois antes a menina frequentava a escola em tempo integral enquanto ela trabalhava fora. Com o isolamento pode observar mais de perto o desenvolvimento dela, apesar de ficar bastante cansada e da maior busca da menina por ela e pelo marido. Acrescentou que na figura “as crianças estão bem próximas da mãe, no colo e tal... Aconteceu agora, né, na pandemia, o tempo todo juntos”. Ela ficou um tempo em silêncio e disse que a pandemia “exigiu bastante paciência” para explicar para a filha o que estava acontecendo, o fato de ficar o tempo todo em casa, as preocupações sobre o ensino on-line, sobre a falta dos amigos (“parece que uma parte do cérebro fica ocupada, que antes não ficava”).

Acrescentou que houve aproximação com a filha, ela passou a ensinar tarefas, como ajudá-la a fazer almoço, dobrar suas roupas, estimulando a independência. Também sentia pena da menina, pois ela ainda não tivera tempo de fazer laços com os amigos da escola nova, já que

a convivência escolar pela plataforma on-line era difícil. Falou que havia momentos que queria ficar sozinha e não conseguia, que a rotina mudara muito, pois tudo era em casa: seu trabalho, a escola de sua filha, o almoço. Com tudo isso, aumentaram as tarefas de casa, o cansaço e a irritabilidade, além do vínculo afetivo.

No começo da pandemia fazia diversas atividades com a filha, que naquele momento pareciam não ter mais graça, porque havia um “tédio pesado e mais forte”. O tédio poderia ser importante em certo nível, mas que estava esperando que a escola retornasse parcialmente, porque acreditava que seria bom para a menina sair um pouco, encontrar pessoas, deixando a rotina um pouco mais leve. Olívia contou que sua filha era uma criança muito feliz e que, quando percebia ela mais triste, ficava bem preocupada.

Olívia contou que em alguns momentos ficava sem paciência, mas que ela e seu marido dividiam bem as tarefas. Ele era “muito parceiro”, mas que também o poupava de julgamentos: “eu tiro ele bem da reta, porque ele faz tudo”. Contou que as tarefas domésticas eram divididas, mas sentia que a filha a buscava mais: “é uma coisa de buscar a mãe, não sei como se explica isso... O chamar a mãe, não sei se é hábito”. Ao final completou “ficou mais pesado para as mães, o estar com a criança”.

#### LAURA (34 ANOS), MÃE DE LEONARDO (7 ANOS)

Laura é professora infantil, mora com seu filho (Leonardo), pois estava em processo de separação do pai da criança. Ao ser questionada sobre perdas de filhos ou aborto, ela disse que tinha tido várias perdas, de maneira bem sucinta, sem aprofundamento, como se não quisesse falar. Tentou engravidar por dois anos, período das diversas perdas abortivas. Teve dificuldade na amamentação, conseguiu amamentar com um peito só, sentia bastante dor e tinha pouco leite, mas se esforçou ao máximo para suprir as necessidades de Leonardo. A gestação foi complicada, por ser de risco, permaneceu os nove meses em repouso. No entanto, apesar disso, “curtiu cada momento”, disse que foi um período no qual ficou “maravilhada”, uma vez que foi uma gravidez muito planejada e desejada.

Laura teve depressão pós-parto, “me desesperei quando ele nasceu”, mas contou que teve muita ajuda da ex-sogra. Destacou que o relacionamento com Leonardo era próximo: “nós dormimos juntos, isso é um erro, né, muito grande, mas desde que ele nasceu ele dorme na minha cama”. Comentou que ele havia se distanciado dos amigos na pandemia, principalmente porque mudou de escola. Apesar de ele não reclamar, ela sentia que ele estava com saudades (“eu sinto que ele sente falta”). Leonardo foi descrito como “genioso”, com dificuldade de fazer amizade, pois era “bem seletivo” e “quer liderar muito, então se vê que tem outra criança que também quer liderar, se dá mal com ela”.

Leonardo prefere brincar com coisas mais lúdicas que físicas, prefere desenhar e pintar a jogar bola, por exemplo. Laura acrescentou que, devido à pandemia, ele estava ficando muito mais tempo no celular e assistindo televisão, que dispunha de muito mais tempo ocioso. Ao falar de si, ela se assustou: “é difícil falar da gente, né?! Não sei assim, sempre fui muito calma, mas sou muito ansiosa, sou calma e sou agitada. Tenho bastante paciência, mas quando tem algo pra resolver, quero resolver tudo logo”. Comentou que tinha depressão e fazia tratamento havia anos, mas que estava sem acompanhamento havia um ano.

Ao falar de mudança na pandemia, Laura trouxe a questão da ansiedade, destacando que tinha muito tempo ocioso. Quanto mais ficava ociosa, menos tinha vontade de fazer as coisas, com mais preguiça. Sempre se cobrou demais, era muito perfeccionista e não gostava de decepcionar ninguém. A questão da ociosidade também apareceu na rotina do filho, pois era uma preocupação deixa-lo muito “à toa”. Depois que o filho parou de ter atividades on-line com a mudança de escola (saiu da particular e foi para a pública por questões financeiras), eles passaram a acordar mais tarde, ficavam mais ociosos. Contou que seu filho não gostava de

estudar, e ao trazer a reação do pai nesse momento respondeu: “o pai não está muito presente nesses momentos, mas eu cobro bastante”.

Contou que em setembro de 2019 separou-se do pai de Leonardo, mas ele ficou morando junto com eles até fevereiro de 2020. Após a saída do pai de casa, tudo mudou, pois se sentia muito fria com o filho. Mesmo passando mais tempo juntos, eles se distanciaram. Leonardo vai para a casa do pai aos finais de semana, mas Laura desconhecia a rotina deles.

Quando viu a imagem Laura disse, rindo, que o relacionamento com Leonardo não estava semelhante à imagem, ela havia percebido um distanciamento entre eles nesse período. Para ela, na imagem, havia uma mãe “acalentando, com o filho mais próximo, o que não foi o que aconteceu na minha casa”. Foi difícil falar mais sobre o assunto, conseguiu apenas dizer que se sentia incomodada, pois era algo que não deveria ser daquela forma, uma vez que antes era muito próxima dele. Terminou dizendo que percebeu muitas mudanças na rotina, que seus cuidados como mãe mudaram um pouco também. Acabou por deixar o filho fazer mais coisas sozinho, mais independente do que ele já era sem “ficar fiscalizando”, deixando-o “mais solto”.

AMANDA (41 ANOS), MÃE DE JOSÉ (19), ELISEU (12) E MIGUEL (8)

Amanda é casada e trabalha como secretária em uma instituição educacional. Mora com cinco pessoas: ela, seu marido e seus três filhos. Ao falar sobre perdas, contou que perdeu sua segunda filha com 23 dias, pois a menina não havia desenvolvido o cérebro. Todas as suas gravidezes foram planejadas e muito desejadas. Nesse momento, disse que admirava muito seu filho Miguel e que ele era mais independente que os outros, que tinha respostas muito rápidas.

A gravidez de Miguel durou nove meses, sem problemas e foi um período feliz. Ela tinha 32 anos na época e fez cesárea. A amamentação ocorreu até os dois anos e meio do filho e não teve intercorrências, nem no desmame. Comentou que ele se alimentava bem, só tinha preguiça de picar os alimentos, então, ela mesma picava para ele. Amanda já tinha retomado as atividades presenciais de seu trabalho no momento da entrevista, com horários reduzidos.

Na pandemia percebeu Miguel mais estressado, pedindo por mais doce e bolacha. Ele havia engordado um pouco, mas, por ser muito magro, estava com o aspecto mais saudável. Miguel havia se mudado para a escola em que ela estava trabalhando, na escola anterior não estava tendo aulas síncronas. Quando ele viu os novos colegas, chorou de felicidade.

Contou que Miguel gostava bastante de brincar, que adorava super-heróis, bonequinhos, gostava de se esconder e de jogar bola. O horário de brincadeira havia aumentado durante a pandemia. Contou um episódio específico sobre possível bullying sofrido: quando Miguel estava com 5 anos, estava na escolinha quando um colega bateu sua cabeça na mesa, quebrando seu nariz. Eles não receberam pedido de desculpas, nem da mãe nem da criança, por mais que ela tentasse falar com ambos. Sobre os colegas da antiga escola, Amanda relatou que o filho perdeu o contato e que sentiu bastante falta de ter amigos da mesma idade.

Amanda descreveu-se como mais agitada, enquanto seu marido era mais calmo. Ele era o “pai bonzinho”, ela, a “mãe chata”. Acrescentou que quando perdeu sua filha entrou em depressão, mas seu marido lidou bem com a perda. Ainda sentia muito a perda da filha e que ela faria 15 anos.

No início ela achava que a pandemia iria terminar logo, ficaram mais tristes, com emoções “muito guardadas, doloridas”. O marido a ajudava nas tarefas de casa, mas não as entendia como responsabilidade dele também.

Ao ver a obra de arte, falou que estava mais distante dos filhos desde que voltou a trabalhar presencialmente, ficou com o “coração mais apertado”. No ano anterior achava que estava mais próxima, agora ficava o tempo todo preocupada se os filhos estavam se cuidando, dando conta de fazer a própria higiene. Com o afastamento físico, ela sentia necessidade de ligar para eles, por chamada de vídeo, todos os dias em que estava no trabalho. Ao falar de

como era ser mãe do Miguel nesse tempo de pandemia, respondeu que a preocupação era muito grande, que pensava em todos os perigos, mas que tomava todos os cuidados para higienizar tudo (com medo dele contrair a doença): “acho que é porque eu já perdi uma filha”. Sentiu que havia se aproximado de Miguel, eles estavam tendo menos tempo, mas mais qualidade, tentavam jogar algum jogo pelo menos uma vez na semana com todos da casa, em família, para conversar, saber como havia sido o dia de cada um e passar tempo juntos.

Amanda disse ter esperança de que tudo (pandemia) passasse logo; ela se sentia muito cansada, não aguentava mais usar máscara, sentia muito medo e preocupação de estar trabalhando fora de casa. Contou que quando chegava em casa os filhos queriam abraçá-la e ela não deixava até que tivesse tomado banho e trocado de roupa, por isso queria que tudo passasse logo, estava se sentindo muito presa, como se tivessem tirado um pedaço dela.

Percebeu que na imagem havia “cuidado”, os filhos estavam no colo, mas a mãe não olhava para as duas crianças, como se tivesse um olhar vago, sem rumo. Nesse momento, voltou a dizer de si, contando que se via fora da pandemia, via seus filhos crescendo e indo para a escola normalmente, que tinha esperança de que tudo voltasse ao normal. Sentia que tinha que ter gratidão e esperança de que tudo iria melhorar, porque esse não era “o nosso normal”.

Depois disso ela voltou a falar da figura, dizendo que percebia um semblante triste nas pessoas, um olhar vazio, o que era diferente de sua família, pois sua casa era o lar, a fortaleza de todos. Contou que seus filhos eram a realização de um sonho e que era bem tranquilo ser mãe deles.

#### FLÁVIA (39 ANOS), MÃE DE MARIA (12) E JULIA (7)

Flávia é professora (estava em trabalho remoto), casada e mora com o marido e suas duas filhas. Contou que a gravidez de Julia não foi planejada (“foi um susto”), pois tinha endometriose e achava que não iria engravidar. Fez “tudo certinho”, controlou sua alimentação, pois já estava acima do peso. A filha foi amamentada até os dois anos de idade, por livre demanda, diferente da primeira filha. Sobre o desmame, Flávia comentou que foi um “desmame gentil”, que explicou tudo para a menina, decidiu parar porque estava sofrendo com o peso da criança para amamentar.

Julia não andou em carrinho, ela usava o sling (carregador de bebês de pano). A gravidez durou 38 semanas e cinco dias, foi um parto cesárea, mas Flávia disse que a filha ainda não estava pronta. Quanto ao sono, relatou que era normalmente calmo, mas que Julia não dormia facilmente, por isso possuíam uma rotina regrada com horários para dormir e sem usar o celular. Julia acostudou a dormir em um colchão no quarto da mãe, hábito iniciado no isolamento social.

Julia tem muito medo de aranha, contudo, a mãe disse que “a filha fala pelos cotovelos”, e que esse medo não era nada demais. Quanto à sexualidade, Julia falava sobre ter marido, querer casar e que seu futuro marido “não pode fumar”. Flávia disse que a filha era bem “para frente”, que reparava nos meninos e os elogiava chamando de “gato”. A menina já comentou diversas vezes que queria casar com o irmão mais velho, por parte de pai, de 18 anos. Quanto à função de orientar, Flávia disse assumir, apesar de que a irmã mais velha “se intromete”.

Julia sempre gostou de brincar, antes do isolamento a família frequentava uma praça, acontecimento mais raro pós pandemia. No isolamento social, tiveram que inserir eletrônicos (celular, computador e TV) na rotina das filhas, até por conta do estudo on-line, o que antes não acontecia. Julia sempre fez amigos com facilidade, mas que já reclamou por ninguém querer brincar com ela, o que Flávia acrescentou ser “charme” e “draminha”.

A mãe disse que ela e o marido estavam “melhores do que deveriam estar” em relação à saúde física e mental, que conseguiram manter as filhas em um ambiente saudável nesse período. Apesar das dificuldades, “ninguém está maluco”. Comentou que o isolamento social

afetou a saúde deles positivamente, porque jamais teriam vivido a rotina das meninas de forma tão próxima, contando que pôde ver a filha ser alfabetizada. Comentou que, após a mudança de lei, a filha “pulou” uma série da escola, indo diretamente para o segundo ano do ensino fundamental, algo que a mãe não queria, alegando que ela não tinha maturidade física e mental para isso. Então, Flávia se afastou do trabalho por uma semana para ensinar a filha a ler e a escrever, uma vez que ela não tinha sido alfabetizada ainda.

Flávia contou que o período pandêmico permitiu que ela se conhecesse e se permitisse mais, cada um foi aprendendo sua posição dentro de casa e a quantidade de tarefas que tinha aumentou significativamente. Como ponto negativo, sua carga de trabalho “triplicou” e que achava difícil separar o trabalho da rotina familiar no isolamento, uma vez que as crianças a requisitavam o tempo todo.

Contou que seu marido era professor e artista, mas tinha uma rotina muito diferente, que eram opostos. Ela era mais organizada e ele mais tranquilo; ela lidava mais com crianças e ele com adolescentes no trabalho. Antes da pandemia, o pai ficava somente “de passagem” em casa, teve um período em que ele morou com seus pais, as filhas achavam que ele estava lá para cuidar deles, mas Flávia disse que foi uma “pequena” separação. Para aquele momento, estavam convivendo após muito tempo; ela falou que ele era “engraçadíssimo, tinha que filmar porque isso aqui é um circo”, tudo virava piada (como o fato dele ser esquecido).

Os avós maternos, que moravam no mesmo prédio, ajudavam no cuidado das filhas. Durante a pandemia, Julia estava em um sistema híbrido na escola, indo presencialmente em semanas alternadas, passava muito tempo em casa. A criança gostava da escola, dos amigos e dos professores e fazia reforço na escola. Em relação ao rendimento escolar na pandemia, a mãe comentou que percebeu dificuldades de concentração, uma vez que a filha estava mais distraída por ter a mãe e o pai em casa o tempo todo, querendo passar tempo com eles.

Ao olhar para a obra de arte, a mãe se mostrou hesitante: “ai, que imagem... Eu nunca vi essa imagem”. Parecia nervosa e rindo, dizendo: “ai, que coisa intensa, né?!”. Após a hesitação inicial, disse que sentia que a pandemia a aproximou das pessoas de seu convívio. Acreditava que, para a mãe que trabalhava fora, a maternidade antes da pandemia não era tão intensa, de vivenciar todos os momentos, o que passou a existir com o isolamento social. Falou sobre seus medos e tristezas e que fazia de tudo para não demonstrá-los para as filhas (“eu tento filtrar e passar somente o que é necessário e o que elas dão conta”). A mãe chamou isso de “o grande nó da pandemia”: administrar primeiro seus conflitos e passá-los para suas filhas de forma “serena e tranquila”.

Comentou que as “expressões tristes” existentes na figura iriam aparecer quando a pandemia acabasse e ela tivesse que voltar ao trabalho presencial. Disse que sentia falta do trabalho, mas que percebeu que conseguia dar conta de fazer tudo perto de suas filhas; ia ser difícil ter que ficar longe delas. A rotina era mais pesada, com mais tarefas, mas que, ao mesmo tempo, era leve, porque percebia um aumento na qualidade das relações com suas filhas. Tentava garantir a qualidade das relações das filhas, para que a defasagem escolar não fosse tão grande para elas. Ela, seu marido e sua filha mais velha faziam terapia para garantir essa qualidade. Apesar das coisas boas que estava falando, queria que a pandemia acabasse. Sorriu ao final, dizendo que todos tinham que voltar a viver, que suas filhas também precisavam voltar para a vida delas.

## **DISCUSSÃO**

A sobrecarga da maternidade apareceu em todas as mães deste estudo, mesmo que em níveis e aspectos diferentes. Em duas delas (Olívia e Flávia) também apareceu uma sobrecarga

em relação ao casamento. Tais sobrecargas provocam reações e consequências em cada uma das díades.

Em Olívia, destacou-se a ansiedade e a tentativa de controle frente às situações desafiadoras. Nessa díade, evidenciou-se a tentativa de suprir as faltas que o cenário pandêmico proporcionou, com prejuízos à autonomia da filha. Pode haver uma confusão do papel parental com o papel fraternal, uma vez que os pais fazem tentativas de preencher a falta do contato com os pares.

Em Laura, a sobrecarga colaborou para o afastamento emocional entre ela e seu filho, apesar da proximidade física causada pela pandemia. A convivência intensificada contribuiu para evidenciar e intensificar os conflitos vividos pela díade. Diante da obrigação de estarem mais juntos fisicamente, a dupla distanciou-se mais ainda emocionalmente.

Em Amanda, o controle também apareceu, assim como a tentativa de evitar olhar para os aspectos difíceis. Tal aspecto pode ter sido intensificado pelo luto que a mãe ainda vive da perda de sua filha: é muito difícil entrar em contato com suas dores e responsabilidades, então, ela as evita e tenta controlá-las. A dupla apresentou uma necessidade de aglutinar-se no grupo familiar, o que pode os fortalecer, mas também trazer conflitos.

Flávia, por sua vez, apresentou muitas angústias em relação ao seu casamento, ao trabalho, à família e à pandemia. Usou do humor para expressar esses conflitos, disfarçando-os (mecanismo de defesa), como se devesse esconder os sentimentos difíceis. Esse aspecto também apareceu na preocupação com a filha, chegando a desmerecer os sentimentos da menina e considerando-a frágil. Essa díade pareceu não poder entrar em contato com as limitações e as dores, porque pode sucumbir a elas. O desgaste com as tarefas domésticas e do trabalho foi nítido, o que se intensificou com a figura adormecida do marido.

Winnicott (1965/1997) destacou que o lar no qual a criança é concebida e criada, assim como a relação entre seus pais, afeta diretamente o exercício da função materna. Pode-se dizer que a função materna introduz uma rede simbólica ao bebê, que produz antecipações imaginárias sobre o que ele quer e sobre o que ele será. Compreende-se, portanto, que a relação mãe(cuidador)/bebê funciona como base para a organização psíquica, bem como para a constituição do sujeito e para a capacidade dele se relacionar com seus objetos.

Olívia, Laura, Amanda e Flávia exercem suas funções maternas de acordo com suas capacidades e com aquilo que receberam de afeto, a dinâmica psíquica de seus filhos reflete o quanto elas foram ou não capazes de perceber as reais necessidades das crianças e o quanto receberam de suporte afetivo para isso. Alguns aspectos da pandemia e do funcionamento dos filhos nesse período trouxeram à tona os limites que as mães estavam com dificuldade para perceber: elas precisam dar conta de tudo, mesmo que a sobrecarga seja grande, precisam suprir seus filhos a qualquer custo. E quando suprir fica difícil, elas se afastam (Laura), mudam seus papéis (Olívia) ou evitam as dores (Amanda e Flávia).

Amanda se controla o tempo todo (a gratidão precisa se sobrepor à raiva a todo o momento), Olívia evita falar do que é difícil para não se perder (ser amiga da filha para não deixar a ausência ser sentida), Laura busca se afastar do filho para que o amor volte a ser maior que o ódio (ao ver os limites de ambos) e Flávia utiliza de mecanismos para evitar entrar em contato com seus aspectos dolorosos e agressivos (com piadas e humor). Em todos os casos, lidar com o filho real é “matar” o filho idealizado, é entrar em contato com seus próprios limites, com suas impotências e fracassos para, assim, conseguir encontrar recursos que sejam suficientes e criativos para seguir o desenvolvimento emocional.

Destaca-se que todas as participantes deste estudo tinham filhos com idade entre 7 e 8 anos no momento em que participaram dos encontros. São crianças que saíram havia pouco tempo da primeira infância, período no qual os padrões de relacionamento com os objetos se formam, também apoiados na relação mãe/bebê. Estão em um período em que a presença da

figura materna se faz necessária, pois a autonomia ainda está sendo conquistada (e precisa ser incentivada pelos pais). Esse fato, por sua vez, pode contribuir para a sobrecarga dessas mães durante o período de isolamento social, no qual tiveram que conviver todo o tempo com seus filhos, sem escola e atividades presenciais na mesma frequência que antes. Foi como se a pandemia fizesse com que o olhar se voltasse para dentro (da casa, da mente, da família), intensificando as dores e as limitações diárias.

É possível pensar que as mães participantes se afastam de suas dores justamente por terem dificuldades em vivenciar a ambiguidade de sentimentos presente na maternidade, acentuada pelo período pandêmico. Ao presenciar sentimentos agressivos, dolorosos e difíceis em relação à maternidade, essas mulheres sentem tamanha culpa que precisam evitar ou afastarem-se de tais sensações, com receio de se paralisarem e não conseguirem seguir em frente. Olhar as dores dos filhos exige olhar para as próprias dores.

Dorna (2020) pesquisou mães no período de isolamento social, revelando que as palavras “sobrecarga”, “sobrecarregada”, “cansaço”, “cansada”, “exaustão” e “exausta” apareceram inúmeras vezes nos relatos das mulheres sobre suas vivências nesse período. Tais termos não somente ressaltam a dificuldade da quantidade desproporcional de trabalho doméstico em conjunto com o trabalho remunerado, mas também se opõe a uma visão romantizada de algumas tarefas domésticas. Isso ocorre principalmente no que tange ao cuidado dos filhos, que é comumente visto como algo exclusivamente prazeroso e amoroso.

Um dos aspectos de sobrecarga que todas as mães trouxeram foi a dificuldade em manter seus filhos entretidos e a evitação do ócio e do tédio (principalmente Olívia e Laura). Além do aparecimento de novas tarefas dentro do ambiente doméstico, que competiam com o tempo dedicado aos filhos. Com isso, somado à necessidade do estudo on-line, o tempo de tela das crianças foi aumentado, como afirmaram as mães deste estudo, prejudicando ainda mais a interação pessoal e o brincar lúdico.

O período pandêmico realça ainda mais os aspectos das relações familiares e a influência que esse ambiente possui sobre a formação e desenvolvimento de uma criança. A maneira como as mães lidam e lidaram com a pandemia afeta diretamente as percepções e concepções de seus filhos a respeito desse período. Ademais, o modo com o qual as mães enfrentam suas próprias questões e o quão fortalecidas elas se mostram vai influenciar como seus filhos vão se sentir. Tal aspecto aparece diretamente na fala das mães, de uma forma que elas acabam projetando nos filhos os seus medos, receios e angústias, transmitindo a ideia de que não estão dando conta do que é apresentado a elas. Se não dão conta, como poderão ajudar seus filhos? Para continuarem presentes, é preciso “passar por cima” dos seus limites, realizar tudo que está ao alcance e mais um pouco, sem reclamar (a sobrecarga tem a ideia de dirimir a culpa).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação da díade explicita o funcionamento psicodinâmico de cada um: mãe e filho são diferentes, mas, antes de tudo, precisam acreditar que dão conta de se separarem e se desligarem um do outro. Para isso, é preciso que as mães consigam olhar para suas próprias questões, para os seus conflitos e limitações, assim, é possível lidar com as limitações dos filhos, com o fato de que eles são diferentes e não precisam repetir o que os genitores fizeram.

Pensar no período pandêmico como um tempo em que mães e filhos aumentaram sua convivência diária de maneira quantitativa, faz refletir sobre que tipo de interação foi essa: suficiente para ambos ou difícil suportar a união intensa? Neste estudo foi possível perceber esse aumento da convivência com sentimentos ambivalentes: parece bom estar junto, mas também é tedioso; a aproximação física não necessariamente carrega a psíquica, mas pode fazer

com que esta seja sentida com intolerância. Estar junto do outro é também olhar para os seus próprios limites e necessidades, buscando conciliar o que é de um e o que é de si mesmo.

Nesse sentido, realizar uma intervenção junto às mães, auxiliando-as a lidar e elaborar suas demandas, acabará por influenciar as crianças, mesmo que seja de forma indireta. No período pandêmico e pós pandêmico, o pouco que se consegue oferecer às duplas pode ser um passo inicial para o contato com o espaço subjetivo, o universo interno. O trabalho da pesquisa em psicanálise tem esta vantagem: a ciência trabalha atrelada à intervenção, a clínica acompanha a pesquisa, e a coleta de dados pode ser um momento terapêutico precioso para os participantes.

A coleta de dados on-line parecia ser limitante no início, mas mostrou-se um método eficaz e confortável para as participantes devido à facilidade de contato, dos instrumentos usados e do contexto atual. É importante destacar que esta pesquisa foi inovadora por trazer a coleta de dados de forma remota, em uma pesquisa de investigação psicanalítica, ou seja, trouxe à tona a possibilidade de fazer o contato virtual e seguir as mesmas diretrizes de uma pesquisa clínica, como o é o acontecer clínico analítico.

## REFERÊNCIAS

- Brasil (2023). Secretarias estaduais de saúde. Covid-19 no Brasil (dados até 26/08/2023). Recuperado em 20 ago. 2023, de [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html)
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The Lancet Journal*, 395(10227), 912-920. Recuperado em 11 set. 2022, de <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140673620304608?via%3Dihub>
- Dorna, L. B. H. (2020). O trabalho doméstico não remunerado de mães na pandemia da covid-19: mudanças e permanências. *Laboreal*, 17(1). Recuperado em 20 mai 2021, de <https://journals.openedition.org/laboreal/17860>
- Faro, A., Bahiano, M. A., Nakano, T. C., Reis, C. Silva, B. F. P., & Vitti, L. S. (2020). Covid-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia*(37). Recuperado em 17 jun 2021, de <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/?lang=pt&format=pdf>
- Gelo, O., Braakmann, D., & Benetka, G. (2008). Quantitative and qualitative research: Beyond the debate. *Integrative Psychological Behavior Science*, 43(3), 266-290.
- Granato, T. M. M., Russo, R. C. T., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009). O uso de narrativas na pesquisa psicanalítica do imaginário de estudantes universitários sobre o cuidado materno. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 17(1), 43-48.
- Lins, M. I. A., & Luz, R. (1998). *D. W. Winnicott: experiência clínica & experiência estética*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Liu, C. H., & Doan, S. N. (2020). Psychosocial Stress Contagion in Children and Families During the COVID-19 Pandemic. *Clinical Pediatrics (Phila)*, 59(9-10), 853-855. Recuperado em 11 ago. 2021, de <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0009922820927044>
- Lobo, L. A. C., & Rieth, C. E. (2021). Saúde mental e Covid-19: uma revisão integrativa da literatura. *Saúde Debate*, 45(130), 885-901. Recuperado em 11 set. 2023, de <https://doi.org/10.1590/0103-1104202113024>

- Medeiros, C. (2009). *Girando o cata-vento: sofrimento e cuidado na psicanálise do ser e fazer*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Mishima, F. K. T. (2007). *Investigação das características psicodinâmicas de crianças obesas e de seus pais* (Dissertação Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- Mishima, F. K. T. (2021). *Meu corpo vive essa dor: o psicodiagnóstico interventivo no tratamento de mulheres obesas*. Curitiba: Appris.
- Ornell, F., Schuch, J. B., Sordi, A. O., & Kessler, F. H. P. (2020). “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 42, 232-235. Recuperado em 05 mai 2021, de <https://www.scielo.br/j/rbp/a/WGD9CnJ95C777tcjnkHq4Px/?lang=en&format=pdf>
- Ozili, P., & Arun, T. (2020). Spillover of covid-19: impact on the global economy. *SSRN Electronic Journal*. Recuperado em 20 mai 2021, de [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=3562570](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3562570)
- Palermo, F. R., Magalhães, A. S, Féres-Carneiro, T., & Machado, R. N. (2016). Ambiente conjugal: repercussões na parentalidade. *Cadernos de Psicanálise (Rio de Janeiro)*, 38(34), 129-148.
- Peterman, A., Potts, A., O'Donnell, M., Thompson, K., Shah, N., Oertelt-Prigione, S., & Gelder, N. (2020). Pandemics and violence against women and children. *Center for Global Development*. Recuperado em 20 mai 2020, de <https://www.cgdev.org/sites/default/files/pandemics-and-vawg-april2.pdf>
- Picasso, P. R. (1951). *Mãe com crianças e laranjas*.
- Reis, L. S., & Mourão, L. (2022). Conciliação Trabalho-Família: Desafios de Líderes Pais e Mães em Home Office na Pandemia. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 22(4), 2260-2268. <https://doi.org/10.5935/rpot/2022.4.24359>
- Tachibana, M. (2011). *Fim do mundo: o imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a gestação interrompida*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Turato, E. R. (2005). Método qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista Saúde Pública*, 39(3), 507-514. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>
- Trinca, W. (1984). *Diagnóstico Psicológico*. EPU.
- Winnicott, D. W. (2006). A dependência nos cuidados infantis. In D. W. Winnicott, *Os bebês e suas mães*. (pp. 73-78). (J. L. Camargo, Trad.). Martins Fontes. (Original publicado em 1970)
- Winnicott, D. W. (1997). *A família e o desenvolvimento individual*. (M. B. Cipolla, Trad.). Martins Fontes. (Original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott *Da Pediatria à Psicanálise – obras escolhidas*. (pp. 218-232). (D. Bogolometz, Trad.). Imago. (Original publicado em 1945).

Submetido em: 05/08/2023

Aceito em: 10/10/2023

### **Sobre as autoras**

**Bruna Sauaia Dal Piccolo** é psicóloga pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP).

**Beatriz de Vasconcelos Junqueira Machado** é psicóloga pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFLCRP-USP) e especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental em Saúde Mental pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

**Fernanda Kimie Tavares Mishima** é psicóloga, mestra e doutora em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Psicóloga do Departamento de Psicologia da FFCLRP-USP, coordenadora do Serviço de Triagem e Atendimento Infantil e Familiar (STAIF) desta instituição.

**Correspondência:** brunasauaia@gmail.com